

## Estou aqui

Luisa Duarte

*"Queremos ao menos uma vez chegar ao lugar em que já estamos."*<sup>1</sup>

A mostra coletiva "Estou aqui" é um capítulo de uma pesquisa sobre as relações entre arte e temporalidade. Ao começar o desenho da presente exposição, tive como um dos esteios o pensamento iniciado na realização da mostra "Turistas, Volver" (2008). Ali, um conjunto de trabalhos era reunido em torno da discussão sobre o turista como um personagem-síntese da vida acelerada e horizontal do homem contemporâneo.<sup>2</sup>

Passados quatro anos, o que para um historiador é nada e para um engenheiro da Google são milênios, o mundo e o tempo mudaram. E a arte sempre parece estar à frente ou nos falar de algo ainda inaudito, mas que já vivemos e ainda não sabemos exatamente como articular, traduzir, ou nomear. Tomemos a imagem do trabalho que dá nome a essa exposição: uma gravura de Marilá Dardot, originada de uma fotografia, na qual se vê uma escada abandonada sobre um solo de terra qualquer, permeada por flores e mato. A escada, no mundo da vida, nos serve para subirmos ou descermos. Cada degrau simboliza essa passagem. A escada sem função – adormecida, esquecida, pousada – não remete a paralisia ou impedimento, mas a uma pausa – até porque a mesma imagem, quando exposta na parede, recobra, de alguma maneira, a sua posição de ascensão e verticalidade destituída do objeto. Trata-se de um trabalho oriundo de um olhar atento que sabe e escolhe iluminar, doar uma segunda pele, para o mais ordinário. Não à toa a obra é intitulada "Estou aqui", marcando seu caráter de vínculo com o presente.

O que ocorreu nos últimos anos? Percebo, fazendo parte dessa engrenagem, e não fora dela, o acúmulo de informações que chega via internet, celular, e-mail, facebook, twitter, etc. É o tempo da "distração concentrada", do acúmulo dispersivo. Consequências dos desdobramentos ambíguos das novas tecnologias, bem como do próprio circuito incessante do capital. O tempo para o cultivo do pensamento, da leitura e da criação está cada dia mais difícil de ser edificado. Será possível estar presente – assumir a própria presença? Habitar o lugar no qual já estamos, não operar no registro da ansiedade do

---

<sup>1</sup> *A Caminho da linguagem*, Martin Heidegger. Editora Zahar.

<sup>2</sup> Essa ideia sobre a figura do turista é oriunda do ensaio "Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade", presente no livro *O mal estar na pós-modernidade*, Zigmunt Bauman. Editora Zahar.

porvir? Esse é o ponto: "Queremos ao menos uma vez chegar ao lugar em que já estamos". Dar a volta em nós mesmos. Utopia? Quimera? Possivelmente. Mas o que seria da vida sem a vida sonhada? Sonhada em diálogo com o real. Não se trata de dar as costas para o que vivemos, mas de buscar um modo de caminhar sobre esse solo, resistindo ao mesmo, propondo paradas ou distintas velocidades, lembrando-nos justamente dessa dinâmica em que estamos imersos, seja pela via oposta, da contemplação que solicita demora, ou da velocidade que nos retorna a vertigem.

"Estou aqui" reúne trabalhos que podem, quem sabe, nos lembrar de que algo aparentemente redundante – habitar o presente – tornou-se um dos maiores desafios de nossa época.

\*\*\*

Se "Estou aqui" surge como evocação de uma experiência mais inteira do presente, "Literatura dibujada", também de Marilá Dardot, constitui-se em uma ampliação do *scan* da última página de "Grande sertão veredas", de Guimarães Rosa. Vemos a palavra travessia, a última do livro, e o desenho, na horizontal, de um oito, ou da fita de moebius, aquilo que não tem início nem fim. A ideia poética de Rosa, aquela que nos lembra que não há início nem fim, mas tão somente a travessia, ecoa esse chamado para o presente.

É justamente a corrida desenfreada em direção a um futuro cada vez mais fugidio, corrida esta cujo rumo no mais das vezes é ignorado, alienado mesmo, que gera esse descompasso com o presente, que, ao fim, implode o presente. Somos enredados pelo tempo hiperacelerado e pelas demandas que aumentam, incorrendo no risco de realizá-las feito autômatos. A cada realização, não uma alegria, mas um alívio. Não fosse assim, fosse o mundo mais permeável à sabedoria de Rosa, de que a vida não possui linha de largada, tampouco ponto de chegada (somente a morte, denominador comum de todos os homens), mas sim a constante travessia, se assim fosse estaríamos *mais aqui*. E, nesse sentido, mais inteiros naquilo que fazemos hoje, e no que propomos fazer amanhã.

"Os cavalos nos quais apostei estão ganhando". Somente essa frase, em fonte pequena, gravada sobre um papel de tamanho A1. O trabalho de Raquel Garbelotti ecoa a travessia de Dardot/Rosa. Podemos ler esta frase hoje, ou daqui há dez anos, seja quando for, em todos os tempos, eles, os cavalos, sempre estarão ganhando. Não se trata do sentido de afirmar a competição ou a vitória. Não se sabe se os cavalos vão

ganhar ao final. Mas sempre que a frase for lida, iremos imaginar que, em algum lugar, eles ainda estão em movimento e ganhando. Ou seja, estão seguindo com esperança. Sem por isso ter que saber de onde partiram, tampouco aonde vão chegar, e até mesmo se vão chegar. A frase parece nos dizer: o tempo que buscamos não está em lugar algum. Nos resta seguir, apostando sob a égide da esperança, conectados ao momento presente.

Um vídeo no qual nada acontece. Diante de uma projeção somos chamados a parar, a demorarmo-nos frente à imagem de um matagal atravessado por um trilho de trem. Mais uma vez a presença de um índice de movimento surge inerte. O tempo prolongado em que absolutamente nada se modifica nos impele a sair da frente, caminhar pelo restante da exposição. Mas em dado momento um apito característico do aviso da chegada de trens começa a soar. O trem enfim passa. Se durante cerca de vinte minutos nada ocorreu, em trinta segundos uma enxurrada de imagens e sons turbulentos, que condensam toda a paisagem do percurso, invade os nos nossos sentidos.

A ansiedade diante da promessa de um vídeo, ou seja, de uma imagem em movimento, é frustrada. Só verá aquele que não tiver pressa. E quando, enfim, o movimento ocorre, quando é ofertado o que ver, quando são emitidas mensagens em nossa direção, torna-se impossível discernir o que vemos dada a quantidade e a velocidade da aparição. Muita luz cega. O acúmulo gera dispersão. Não no sentido positivo de um desperdício que esvazia para que haja mais espaço para o novo, numa lógica que seria contrária ao do acúmulo que limita, mas sim no sentido negativo de um excesso que dispersa e turva o olhar.

Essa pausa é necessária para que não passemos pelas coisas, mas que, sim, as encontremos. Nos trabalhos de Thiago Rocha Pitta, tempo e natureza são co-autores. Essa relação, na qual é necessário atentar para as mudanças nos estados da matéria, desde a mais ínfima, cria um vínculo com o tempo não só atento, mas ligado aos seus mínimos interstícios. Cada hora, cada dia, significa uma nova visualidade, uma outra configuração, para um mesmo trabalho, para uma mesma montanha, porá um mesmo céu. No seu desenho da face de cima de um papel em branco escorre uma um bloco de pigmento ora amarronzado, ora acobreado. Esse escorrimento se dá lentamente, o papel poderia ser uma pedra, e o pigmento poderia ser terra. As relações entre arte e natureza, natureza e cultura, sempre estão postas no trabalho do artista.

“Lição de Biologia”, de Bruno Dunley, é uma série de cinco pinturas de pequena

escala diretamente inspirada em um manual de lições de biologia. Aqui, as plantas catalogadas surgem somente como penumbras, turvas, intencionalmente imprecisas, exigindo que olhemos de perto e com atenção. Do contrário parecem somente manchas esverdeadas. De uma pintura para a outra dá-se uma leve gradação cromática, fazendo-nos ver um pouco mais, ou um pouco menos. As plantas têm os seus nomes apagados. No lugar em que havia, no manual, palavras a designar o significado de um fragmento da planta, há agora somente uma linha pintada de forma difusa. O artista retira o nome em favor de um olhar inaugural que veja o mundo antes das catalogações já dadas.

Algo que sabemos de antemão o que é, que está catalogado, dito, esquadrinhado, surge aqui esvanecido de certezas. O artista parece querer rever as plantas para dizer algo sobre elas e precisa começar do começo. Ir ao mundo Tateando as coisas, e não as pegando de forma bruta e assertiva. Essas pinturas findam por questionar um mundo da cultura que tudo engaveta com etiqueta e nome, levando-nos a ver através de filtros pré-estabelecidos. Trata-se de buscar uma experiência de mundo diferente daquela anestesiada pelo reconhecimento prévio das coisas, menos guiada por convenções que generalizam e reduzem a singularidade de cada evento particular. “Lição de biologia” não soma, mas subtrai. No lugar do excesso, a retirada que instiga um olhar mais depurado.

Assim como na obra de Bruno Dunley uma paleta rebaixada entra em cena, uma maneira de se mostrar quase que se escondendo também está presente na dupla de fotografias “Oblívio”, de Wagner Malta Tavares. A faculdade do esquecimento é, há muito, tomada como necessária para que a vida caminhe com mais liberdade e leveza. Uma vida na qual lembrássemos de tudo seria impossível de ser vivida. Oblívio quer dizer esquecimento. As paisagens esfumaçadas do artista traduzem o sentimento de esquecer. Se as imagens incorporam uma espécie de tradução imagética da ideia de esquecimento, elas, porém, solicitam de quem vê pausa e atenção; um segundo olhar, do contrário perdemos de vista o que está a nossa frente.

“Oblívio” surge como paradas silenciosas para o olhar em meio ao torvelinho de imagens que habita o dia a dia na cidade ou mesmo dentro de casa, em meio a toda a sorte de “conexões”. Entre uma foto e outra vai sendo despido véu embranquecido, feito de um misto de maresia e névoa das primeiras horas da manhã na Baía de Guanabara. Em meio ao véu, em uma paisagem imensa, feita de mar, horizonte e céu, pousados na água, pequenos pontos. Minúsculos quando colocados nessa escala. Somente quando chegamos perto é que notamos. Cada um desses pontos são navios, “seres” imensos e

pesados que surgem estáticos, mas intimistas em meio à grandeza do em torno. Os navios parados, a intencional inserção de uma película que mais esconde do que revela, ou seja, o jogo entre aparecer e desaparecer, lembrar e esquecer, está presente no silêncio delicado de “Oblívio”. O que o véu esconde, por sua vez, não guarda nada de surpreendente. O que temos a nossa frente são apenas navios à espera... Aqui habitam a quietude e a discrição, reversos do espetáculo frenético típico da época vigente.

A pintura é conhecida pelo seu tempo lento. O tempo de realização costuma ser demorado, bem como a contemplação por ela demandada também induz a uma desaceleração. As pinturas de Patrícia Leite podem levar meses, quiçá anos, para ficarem prontas. Enquanto alguns podem ter feito nesse mesmo período quinze diferentes “projetos”, ali está ela, sobre um mesmo lugar. Para além de afirmar uma infrutífera nostalgia de fundo romântico, se trata de notar como ainda hoje, em meio ao alarido sufocante da contemporaneidade, ainda há espaço para esse ofício e esse tempo dilatados.

Sua pintura sobre madeira, “After Rodchenko”, dá continuidade à paleta rebaixada que atravessa quase toda a mostra. Os tons de cinza e preto da tela surgem como céu e mar, a um só tempo. Aviões sobrevoam um céu acinzentado e deles pularam inúmeros paraquedistas. No lugar da velocidade e da adrenalina, a pausa. Uma paisagem na qual índices de movimento e aceleração surgem fixos, à espera do nosso tempo interno, da nossa contemplação.

Entre os vários sentidos da palavra metanoia está “o processo desencadeado na mudança de perspectiva que deixa de considerar um objeto e passa a considerar o seu contexto. O termo metanoia pode ser usado para descrever a transição de uma perspectiva individual subjetiva para uma perspectiva geral, uma metaposição”. A famosa frase de Macluhan, “o meio é a mensagem” seria, assim, uma metanoia. Bem como processos da arte, na qual a linguagem não é instrumento, mas meio no qual se dá a apresentação de um pensamento, também seria da natureza da metanoia.

No vídeo de Roberto Winter, “Metanoia”, vê-se um aquário redondo cheio de água com um peixe dourado. Cena banal que ganha a nossa atenção quando começa a pingar na água, lentamente, um pigmento de cor laranja, a mesma do peixe. Começam então a se formar desenhos que revelam a densidade do líquido transparente. Água e peixe começam a se tornar uma só coisa, não é possível pensar o peixe sem a água, e vice versa. O amálgama acontece por inteiro e, nos mesmo lance, a água já começa a retornar

para sua condição transparente e o peixe também, início de um processo no qual ficará translúcido. O trabalho de Winter nos fala de pintura, de natureza morta, mas, sobretudo, das diferentes formas de perceber o que vemos e da relação, sempre necessária, entre objeto e contexto, entre o que se quer dizer e como se vai dizer. A presença está pensada no sentido forte. A cópula entre água e peixe é da natureza da cópula entre conteúdo sensível e conteúdo inteligível própria do que chamamos de arte. Chegar ao lugar em que já estamos, sem pensarmos na arte, poderia ser esse encontro, essa simultaneidade.

Os desenhos de Adriano Costa revelam um método que incorpora o caos. Uma insuspeita natureza construtiva surge em desenhos feitos com o que há de mais prosaico, cotidiano, com aquilo que seria antes digno de esquecimento, folhas de papel, de caderno, riscadas, rabiscadas, anotadas, ou ainda o que parecem ser cartas antigas. As pautas, que deveriam organizar, pautar e alinhar, surgem subvertidas. Tudo isso agora forma uma série de desenhos, cada um deles “costurado” com durex. Não sabemos quais papéis são derivados de anotações do próprio artista, quais foram apropriados. Sempre se encontra o vestígio da presença, da memória de alguém que passou por ali e do tempo marcado em cada material. A vida, e os seus ciclos de envelhecimento, a escrita que preserva o que passou, o ato de guardar que necessita do tempo e o revela, tudo isso se encontra nos desenhos do artista.

A memória também é constituinte da obra de Débora Bolsini. Desenhos/esculturas feitos com livros-objetos. Os livros são de concreto no interior e trazem azulejos nas capas e lombadas. Os livros remetem ao tempo lento. Não existe ainda uma fórmula que nos permita ganhar conhecimento de maneira veloz. A leitura de um livro requer um tempo de silêncio e pausa. Este desafio para o tempo presente está refletido nos livros de concreto, pesados, resistentes, que em cada azulejo evoca um lugar, uma memória.

Um desenho feito com quase nada. Dois pedaços de papel, e temos um abismo. A colagem de Felipe Cohen dá a pensar no abismo, no lugar, na queda, com uma economia extrema, precisa. Uma bancada de madeira ao lado da colagem nos chama para uma posição de cuidado. Um tubo de ensaio com um pedaço de mármore dentro equilibra-se sutilmente, na iminência da queda. A presença do abismo que antes era desenho, plano, agora se dá tendo a força da gravidade como interlocutora.

O vídeo “Boa noite”, de Matheus Rocha Pitta, se passa no estacionamento de um centro cultural. No lugar do espaço comumente destinado à arte, o artista escolhe intervir ali onde somente os trabalhadores locais conhecem, ali onde os holofotes não estão de

olho. Num circuito irônico, o artista joga luz para o que está na sombra.

O vídeo, colocado logo no corredor de entrada da galeria, no qual há uma câmera de segurança, surge com a tela cortada em nove quadrados, como aqueles que vemos em monitores de vigilância. No centro de todos os quadrados, a vista para a rua, com o ruído dos carros passando. Nos demais, ações ocorrem e, sempre ao final de cada uma, uma lanterna é ligada e apontada para a câmera, de um a um, cada quadrado se apaga restando somente um pequeno ponto luminoso em meio ao negro. O último a sofrer essa intervenção é aquele que revela a parte exterior, a rua, a cidade. Ao fim, como um céu estrelado, temos todos os pontos de luz acesos em meio ao negro apontados para a nossa direção. Aquilo que comumente nos mostra o que está sendo vigiado, agora nos vigia. Não há nada para ser visto ali. Boa noite.

Antes, por fim, há um trabalho sonoro que pontua o espaço expositivo. “Paisagem sonora – dia de chuva em Vitória”, de Raquel Garbelotti. Para introduzir a obra, um pequeno escrito da própria artista: “O trabalho se consistiu na captação do som de um dia de chuva na cidade de Vitória no ES. A idéia principal era deslocar o som da chuva de uma cidade para outra: de Vitória para São Paulo. Por ser um som que poderia ter sido gravado em qualquer lugar, porque em termos gerais de sonoridade não existe especificidade, ao nomear o lugar da chuva gravada no áudio no título do trabalho, remeto ao deslocamento de uma situação sonora para outra. Também ao nomear o lugar apontando a diferença de cidades, promovo uma colagem sonora de um espaço no outro. Escolhi mais uma vez uma espécie de clichê, embora um “clichê sonoro”. Ele também constituirá uma imagem e um ambiente qualificando um estado de tempo, que é aquele do dia chuvoso em que as coisas na metrópole passam a ser mais difíceis - pela necessidade da redução das velocidades, como ocorre na cidade de São Paulo. Neste projeto, o fato sonoro é ele mesmo tornado imagem e velocidade.”

Os dias de chuva passam de maneira mais lenta. São caóticos nas grandes cidades, são acolhedores dentro de casa, e dóceis com os amantes que nada têm a fazer. A pausa é induzida. Queira-se ou não. Permeiar o espaço com o som de uma chuva constante é uma tentativa de imantar o lugar, este “Estou aqui”, desse tempo mais lento. Quem sabe assim seja possível recordar uma outra velocidade interna, mesmo que temporária, na qual o futuro seja momentaneamente esquecido em nome de uma inteireza no presente. Estou aqui.

Texto escrito para a exposição Estou Aqui, Galeria Marília Razouk, São Paulo, 2011